



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**CAMPUS SERTÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**MARIA JOSÉ MONTEIRO DA SILVA**

**LENDAS URBANAS:**  
**ARGUMENTAÇÃO E COERÇÃO SOCIAL**

**DELMIRO GOUVEIA - AL**

**2021**

**MARIA JOSÉ MONTEIRO DA SILVA**

**LENDAS URBANAS:  
ARGUMENTAÇÃO E COERÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras/ Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para integralização do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann

**DELMIRO GOUVEIA - AL**

**2021**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586l Silva, Maria José Monteiro da

Lendas urbanas: argumentação e coerção social / Maria José Monteiro da Silva. - 2021.  
31 f.

Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.  
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Lendas urbanas. 2. História. 3. Memória. 4. Imaginário.  
5. Argumentação. 6. Coerção social. I. Massmann, Débora Raquel Hettwer. II. Título.

CDU: 82-343

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

*Maria José Monteiro da Silva*

**MARIA JOSÉ MONTEIRO DA SILVA**

UFAL – Campus do Sertão

**DATA DE AVALIAÇÃO: 09/06/2021**

### BANCA EXAMINADORA

*Prof. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann*

Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann

Orientadora – UFAL

*Benedita Celeste de Moraes Pinto*

Profa. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto

Examinadora Externa – UFPA

*Prof. Me. Júlio Cezar Rodrigues da Silva*

Prof. Me. Júlio Cezar Rodrigues da Silva

Examinador Externo – Unemat

*Fábia Pereira da Silva*

Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva

(UFAL)

Delmiro Gouveia – AL, 09 de junho de 2021

O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano.

(Isaac Newton)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me permitir ultrapassar todas as dificuldades ao longo do curso e da realização deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann, por toda a dedicação, comprometimento e paciência durante todo o processo de construção e concretização desta pesquisa. Gratidão.

Ao meu companheiro, Givaldo de Souza, e à minha sobrinha, Quitéria Lourenço, que se fizeram presentes nesse processo.

Aos colegas e amigxs de curso, que de forma direta e/ou indireta contribuíram com troca de conhecimento e incentivo, em especial Cícera Soares, Maria Franciele Gonçalves e Jéssica Maria de Jesus.

À minha ex-professora da Educação Básica, Luzânia Pereira Lima, por ter sido responsável pela minha escolha de curso, sendo um exemplo de comprometimento com a educação.

A todxs, meu muito obrigada.

## **RESUMO**

Esta pesquisa pretende analisar os usos da memória em torno das lendas urbanas. Objetivamos, assim, compreender o funcionamento da lenda “Corpo Seco” (e suas versões), observando como, no acontecimento enunciativo, essas narrativas circulam e (re)produzem novos e outros sentidos sobre a história, a memória e o imaginário dos sujeitos. Nossa pesquisa caminha para as discussões sobre como tais narrativas colocam em funcionamento um dizer sobre a história, a memória e o imaginário constitutivo dos sujeitos. Fundamentados nas perspectivas de Renard (1999), as lendas urbanas surgem na tentativa de explicar fenômenos e acontecimentos que estariam inscritos na ordem do inexplicável e do incompreensível, situados no espaço simbólico em que a lógica e o real não conseguem dar conta dos fatos do cotidiano, sustentando, assim, medos, anseios e desejos, cuja explicação se dá a partir do sobrenatural. Com esta pesquisa, buscamos enaltecer as práticas culturais e procedimentos de (re)significação das lendas urbanas, entendendo, assim, práticas (re)significadas e seus efeitos hoje em dia.

**PALAVRAS-CHAVE:** história; memória; sentidos

## **ABSTRACT**

This research intends to analyze the uses of memory around urban legends. We aim, thus, to understand the functioning of the legend “Corpo Seco” (and its versions), observing how, in the enunciative event, these narratives circulate and (re)produce new and other meanings about the history, memory and the subject's imagination. Our research moves towards discussions on how such narratives put into operation a saying about the history, memory and the constitutive imagination of subjects. Based on the perspectives of Renard (1999), urban legends arise in an attempt to explain phenomena and events that would be inscribed in the order of the inexplicable and the incomprehensible, situated in the symbolic space where logic and reality cannot account for the facts of everyday life, thus sustaining fears, anxieties and desires, whose explanation is based on the supernatural. With this research, we seek to extol the cultural practices and procedures of (re)signification of the legends urban, thus understanding (re)signified practices and their effects today.

**KEYWORDS:** history; memory; meanings

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. LENDAS URBANAS: UM GÊNERO TEXTUAL HÍBRIDO? .....</b>	<b>14</b>
<b>3. LENDAS URBANAS EM ANÁLISES: ARGUMENTAÇÃO E COERÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>18</b>
<b>4. O CORPO SECO E SUA PRODUTIVIDADE NARRATIVA.....</b>	<b>24</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No decorrer de nosso percurso como leitores/as e apreciadores/as de textos literários, especialmente das narrativas, temos observado que é muito comum encontrarmos pessoas que se interessam pelas lendas urbanas, tanto ouvintes como transmissores dessas lendas. Em nossa experiência pessoal, desde criança, sempre ouvíamos familiares contarem diversas histórias fabulosas, às vezes surreais. Isso se dava muitas vezes em volta dos fogões, das casas de zona rural.

No entanto, com o passar do tempo, a evolução da sociedade e a efervescência das novas tecnologias, essa prática, antes predominantemente oral, passou a acontecer de outras formas. Isso nos levou a pensar que as lendas urbanas estavam sendo (re)significadas em outros espaços enunciativos e em outros espaços de dizer, como, por exemplo, aqueles que emergiram com o advento das novas tecnologias de linguagem.

É com base nesse percurso pelos caminhos da ciência e da experiência pessoal, que nasce a presente pesquisa. Nela, pretendemos tratar dos saberes sobre as lendas urbanas que circulam em nossa sociedade afetando a vida social, cultural e subjetiva das pessoas.

Se há algum tempo as lendas circulavam especificamente no formato oral, sendo passadas de geração em geração, com o advento das tecnologias, conforme destacamos acima, houve mudanças significativas na forma de transmissão dessas lendas. Hoje, é muito comum encontrarmos websites, blogs, páginas e grupos nas redes sociais com o objetivo divulgar e fazer circular essa forma de expressão narrativa que tem, no imaginário popular, a sua gênese.

Observamos, nessas novas formas de circulação, outros modos de (re)produção das lendas urbanas que, em primeira instância, têm sua forma absolutamente alterada: passam da modalidade oral (sem deixá-la de lado) para a modalidade escrita. Nesse movimento de readaptação, verificamos que novas versões de lendas urbanas são difundidas. Isso nos leva a compreender que as pessoas não esqueceram das lendas, mas que elas migram para outros espaços de dizer e de circulação.

Na busca por materiais que vão sustentar nossa pesquisa, pudemos observar que uma das lendas urbanas mais conhecidas é a do Corpo Seco, contada em suas

diferentes versões. Observamos, inclusive, que essa lenda já foi registrada em formato de livro, tendo também versões on-line.

Esse registro da referida lenda em formato escrito aponta para a consolidação de uma memória, como aponta Le Goff (1990). Para esse autor, o registro dessa memória, compreendida “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 424).

Na esteira das reflexões desse autor, compreendemos que a memória é como uma forma de poder, de registro e manutenção cultural de um povo. Percebemos que os sujeitos conservam as informações e que, quando nos referimos às lendas, elas nos conduzem a um lugar em que o sujeito narrador pretende dar a ver e a conhecer um acontecimento marcante cuja essência parece levar a uma moral da “história”.

Em outras palavras, parece haver aí um funcionamento coercitivo das lendas que surgem como forma de poder no sentido de controlar determinados comportamentos da sociedade que as sustenta e de onde elas emergem.

Outro ponto importante refere-se, aqui, às versões de uma mesma lenda urbana que resultam de um movimento existente entre a memória e oralidade na qual o narrador da lenda retém aquilo que lhe convém e, ao mesmo tempo, tenta persuadir seus ouvintes a fim de produzir o medo (elemento de coerção) nas outras pessoas ou dar algum tipo de aviso a elas.

A partir do que foi exposto, nesta pesquisa abordaremos o gênero textual “lendas urbanas”, juntamente com as consequências e/ou efeitos de sentido contidos nessas histórias para os sujeitos e também a circulação das versões de lendas urbanas até os dias atuais. Cabe destacar que os estudos pioneiros sobre essa temática foram realizados na França e nos Estados Unidos simultaneamente.

Assim, o termo “lenda urbana” é considerado uma designação ainda muito recente, cuja origem remete-nos à expressão de língua inglesa “Urban Legends”. Essa terminologia foi cunhada, inicialmente, por pesquisadores americanos, entre as décadas de 1970 e 1980, para nomear anedotas populares sobre questões da vida moderna que circulavam nos espaços urbanos, com efeito de verdade, mas cuja veracidade era questionável ou duvidosa (CAMPION-VINCENT, 2005, p. 21).

Já do lado francês, devemos a Jean-Bruno Renard a inauguração dos estudos sobre o assunto. O sociólogo francês, interessado em estudar a cultura popular (especialmente quadrinhos e fantasia), rumores e lendas, bem como crenças paranormais, desenvolveu um ponto de vista cético com absoluto rigor teórico. Isso fez dele um dos grandes pesquisadores nessa área.

Com bases nos estudos americanos e franceses, compreendemos que, fundadas na modernidade, no acontecimento da cidade, as lendas urbanas podem ser descritas como narrativas que se ancoram na crença popular de um determinado grupo de sujeitos, requerendo destes cumplicidade e partilha de sentidos.

Diante disso, e considerando que as lendas urbanas constituem narrativas coletivas carregadas de efeitos de verdade e de apelo à história e à memória de uma comunidade, de uma cidade e de uma região, neste estudo estabelecemos como objetivo geral compreender o funcionamento desse gênero textual para compreender como, a partir destas narrativas, coloca-se em funcionamento um dizer sobre a história, a memória e sobre o imaginário constitutivo da sociedade.

Como objetivos específicos, elencamos os seguintes: 1) A partir das diferentes versões das lendas urbanas, observar o funcionamento do procedimento enunciativo da reescrituração de sentidos na oralidade; 2) Investigar, a cada novo acontecimento de dizer, isto é, a cada versão de uma lenda, como a história e a memória vão sendo (re)produzidas e (re)significadas; 3) Observar o funcionamento argumentativo da narrativa no que concerne às estratégias de persuasão para convencer e persuadir sobre a “veracidade” das lendas urbanas.

A fim de alcançar esses objetivos, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica para compreender como as lendas urbanas podem ser definidas e estudadas no domínio das ciências da linguagem e propomo-nos a analisar como a lenda do Corpo Seco produz efeitos coercitivos na sociedade, especialmente no que se refere às relações familiares.

De um modo geral, podemos dizer que o presente estudo se justifica por sua relevância teórica na medida que contribuirá para se investigar o funcionamento da reescrituração, procedimento enunciativo característico das produções escritas, que produz enlaçamentos de sentidos a cada acontecimento de dizer.

Nesse sentido, propomos aqui observar como a reescrituração funciona na oralidade. Trata-se de um deslocamento teórico-metodológico importante para a

área da Semântica da Enunciação à medida que faz ampliar nossos espaços de observação enunciativos.

Além disso, devemos destacar a relevância prática e social desta pesquisa, que, ao se propor compreender o funcionamento das lendas urbanas na sociedade contemporânea, produz cientificidade para o conhecimento popular. Os resultados desta pesquisa poderão servir de base para outros estudos em torno do tema, inclusive como material didático e de pesquisa para o ensino básico em temas concernentes à história, aos gêneros textuais e à cultura literária.

## 2. LENDAS URBANAS: UM GÊNERO TEXTUAL HÍBRIDO?

Fundadas na modernidade, no acontecimento da cidade, as lendas urbanas podem ser descritas como narrativas que se ancoram na crença popular de um determinado grupo de sujeitos, requerendo destes cumplicidade e partilha de sentidos.

Desse modo, a definição de lenda urbana, segundo Renard (2006), encontra-se entre o inexplicável e o incompreensível, isto é:

As lendas urbanas surgem na tentativa de explicar fenômenos e acontecimentos que estariam situados na ordem do inexplicável e do incompreensível. Elas estariam situadas naquele espaço simbólico em que a lógica e o real não conseguem dar conta dos fatos do cotidiano sustentando assim medos, anseios e desejos cuja explicação se dá, por vezes, a partir do sobrenatural (RENARD, 2006, p. 36).

O objetivo dessas narrativas está diretamente relacionado com o sistema de valores de uma determinada época e com a visão de mundo da comunidade na qual as lendas surgem e se inscrevem, isto é, elas servem como um aviso, como um apelo, como uma imposição e também como uma tentativa de persuasão intencional, causando medo em outros sujeitos.

Vale destacar ainda que as lendas urbanas, consideradas como expoentes das manifestações contemporâneas do pensamento simbólico-narrativo, constituem um interessante acervo vivo sobre a história da sociedade na qual foram produzidas. Segundo Renard (1999, p. 6), essas formas de expressão narrativa constituem uma porta de entrada para o imaginário popular e, “longe de serem histórias insignificantes, essas anedotas são, pelo contrário, histórias significativas, cheias de sentido que é útil de se estudar”.

De acordo com Renard (1999, p. 45), podemos apresentar oito características para se identificar as lendas urbanas:

- 1) A produtividade da lenda é ilimitada, na medida em que está constantemente sendo recontada e resignificada pelo pensamento coletivo.
- 2) Como vimos, a história parece única, mas, na realidade, pertence a um conjunto de variantes atestada no tempo e no espaço.

- 3) A lenda urbana é um gênero narrativo que tem suas próprias leis as quais estão ligadas a gêneros variados como anedota histórica, fábula, artigo de *faits divers*, histórias engraçadas, etc.
- 4) O conteúdo da história é sempre surpreendente, incomum. Neste tipo de relato, há uma "ruptura" que produz o seu efeito sobre o público.
- 5) A história é contada como verdadeira, enquanto sua historicidade é duvidosa ou falsa. Independentemente do fato de que não há nenhuma prova da veracidade da anedota.
- 6) Há sempre um ponto de ancoragem no real, ou seja, parece haver veracidade. É importante entender porque uma história está circulando, qual sua função social. Cada lenda gera seu ambiente social e reproduz histórias próprias em que os indivíduos deste grupo se sintam envolvidos.
- 7) A história é ainda mais viva e verdadeira quando é recente, isto é, os acontecimentos narrados são indicados como tendo ocorrido há pouco tempo. Daí o fenômeno da atualização constante de anedotas, mesmo que muitas delas sejam bem antigas.
- 8) Finalmente, para que uma história circule e nos interesse, ela também deve ser, nas palavras de Véronique Champion-Vincent, uma "história exemplar", ou seja, uma história que tem uma mensagem implícita, uma moral escondida ao qual aderimos.

Tomando como base as características apresentadas pelo autor, compreendemos que a relevância social desta pesquisa ganha força, uma vez que o presente trabalho faz um registro científico de um conhecimento popular.

Como vimos, cada lenda apresenta diferentes versões, ou seja, múltiplas variantes de conteúdo impregnadas de comicidade, suspense ou dramaticidade. O objeto dessas narrativas está diretamente relacionado com o sistema de valores de uma determinada época e com a visão de mundo da comunidade na qual elas surgem e se inscrevem.

O surgimento desse gênero narrativo é considerando relativamente recente. A expressão "lenda urbana", cuja origem remete à expressão de língua inglesa "Urban Legends", foi cunhada, inicialmente, por pesquisadores americanos, entre as décadas de 1970 e 1980, para nomear anedotas populares sobre questões da vida moderna que circulavam nos espaços urbanos com efeito de verdade, mas cuja veracidade era questionável ou duvidosa (CAMPION-VINCENT, 2005, p. 21).

A lenda urbana é considerada por muitos estudiosos da teoria literária como um gênero narrativo híbrido, a saber, que se constitui numa espécie de entremeio

associando características da lenda tradicional e do *fait divers*. Este último é descrito como uma narrativa moralizante que, segundo Barthes ([1966] 2003), produz sentidos sobre fatos sobrenaturais, excepcionais ou insignificantes. De fato, como explica Renard (1999, p. 63), “*faits divers* e lenda urbana convergem um em direção do outro partindo de pontos oposto: o *fait divers* é uma legendificação do real e a lenda é um *fait divers* imaginário”.

Há que se mencionar ainda, nessa caracterização de gênero híbrido, a semelhança entre a lenda urbana, o rumor e o boato. Estes últimos apresentam-se como textos orais que fazem circular em nossa sociedade informações não confirmadas com *status* de veracidade. De um modo geral, pode-se descrever as lendas urbanas, conforme dito anteriormente, como um gênero narrativo recente, de curta extensão, efêmero e instável que se ancora, fundamentalmente, em crenças populares.

Na história dos estudos literários, verificamos que as primeiras pesquisas sobre lendas urbanas começam muito antes do surgimento da expressão que a designa. De fato, é em 1942 que se observa a primeira versão de uma narrativa híbrida cujas características assemelham-se ao que hoje se designa como Lenda Urbana. Trata-se, pois do livro *The Vanishing Hitchhiker*, de Richard Beardsley e Rosalie Hankey. Nesse mesmo período, Ernest Baughman também inicia suas pesquisas sobre a narratividade de fenômenos folclóricos interessando-se, sobretudo, pelas narrativas de terror que circulavam nas universidades americanas, reproduzidas pelos alunos mais antigos com o intuito de amedrontar os ingressantes.

A partir da década de 1950, as pesquisas em torno dessa temática despertam o interesse de outros pesquisadores mundo afora. Observamos, assim, que esse campo de pesquisa começa a se consolidar como um espaço produtivo de reflexões intelectuais em torno do imaginário popular sobre fatos do cotidiano, credices e fenômenos incompreensíveis.

Na esteira desse processo, a década de 1970 constitui um marco da efervescência desse domínio de pesquisa, uma que vez, como destaca Renard (1999, p. 26), há o reconhecimento da legitimidade dessas pesquisas no espaço universitário e “uma reflexão sobre os laços entre as lendas modernas e outros gêneros narrativos, enfim uma internacionalização do interesse por este novo campo de estudo”. Assim, chegamos aos anos 80, momento em que o campo de pesquisa

se institucionaliza “tanto na Europa assim como na América do Norte e numerosos estudos e coletâneas de lendas urbanas vão ser publicados” (RENARD, 1999, p. 30).

Nas décadas subsequentes, com os avanços tecnológicos que se fizeram presentes na sociedade do fim do século XX, as lendas urbanas foram amplamente disseminadas através da rede mundial de computadores (internet). O gênero deixou de ter como especificidade a oralidade e passou a apresentar suas versões também na modalidade escrita. Hoje, é possível, através de uma simples pesquisa de internet, ter acesso a diferentes versões da mesma lenda. Notamos, assim, que houve a migração do oral para o escrito. Atualmente, as duas modalidades convivem e co-habitam o imaginário popular, produzindo efeitos e sentidos no que concerne aos acontecimentos narrados.

Vale destacar que, independentemente da forma em que se apresentam, as lendas urbanas são, sem dúvida nenhuma, um gênero folclórico, cuja gênese se sustenta na história e no imaginário de uma determinada comunidade. É através desse gênero popular que podemos compreender melhor os sentidos que são produzidos sobre uma comunidade, uma cidade ou região, sua memória e sua história.

### 3. LENDAS URBANAS EM ANÁLISES: ARGUMENTAÇÃO E COERÇÃO SOCIAL

Para compreender o funcionamento das lendas urbanas, especialmente no que se refere aos seus modos de circulação e de persuasão em relação a um não-fazer, metodologicamente, inscrevemo-nos no domínio dos estudos semânticos; de modo muito específico, na Semântica Histórica da Enunciação, tal como proposta por Guimarães (2002). Nesse domínio teórico, elege-se o enunciado como unidade de análise, já que ele se apresenta como a unidade de sentido que integra um texto e se caracteriza pela sua consistência interna e pela sua independência relativa em relação ao texto.

Buscando compreender como os sentidos são construídos enunciativamente, Guimarães (2007) propõe o conceito de Domínio Semântico de Determinação (DSD). Definido como um mecanismo de descrição e de interpretação, o DSD ampara-se nas relações de determinação semântica que as palavras estabelecem no funcionamento da língua.

Assim, a história do sentido de uma palavra é produzida pela “ação que as palavras exercem, à distância, umas sobre as outras. Uma palavra é levada a restringir cada vez mais sua significação, pelo fato de existir uma companheira que estende a sua” (BRÉAL, 2008, p. 182). De acordo com Guimarães (2002), dois procedimentos fundamentais à constituição de sentidos completam o dispositivo teórico-analítico desse quadro teórico: a articulação e a reescrituração.

A reescrituração pode ser descrita como um procedimento através do qual a enunciação retoma, rediz, ou melhor, reescreve o que já foi dito, atribuindo-lhe novos sentidos, fazendo-o significar de outra maneira diferente de si. Assim, a reescrituração é um procedimento que

[...] atribui (predica) algo ao reescriturado. [...] [Ela] coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto. Vou chamá-la de predicação [...]. Trata-se de uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos. Ou por negar a outra, ou por retomá-la, ou por redizê-la com outras palavras, ou por expandi-la ou condensá-la, etc. (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

A reescrituração pode ocorrer sob diferentes formas; por exemplo, através de repetição, substituição, elipse, expansão, condensação ou definição. Esses diferentes modos de reescrituração criam uma trama (teia) de sentidos na superfície textual, pois conectam pontos do texto entre si e com outros textos.

Enquanto a reescrituração diz respeito ao processo de construção de sentidos na unidade do texto, a articulação remete à análise das relações de sentido no interior do próprio enunciado. Ela permite investigar também a relação que se estabelece entre o Locutor<sup>1</sup> e o seu dizer.

Compreendida como um importante procedimento enunciativo, a articulação pode acontecer por dependência, por coordenação e por incidência. A articulação por dependência organiza-se de modo a constituir um só conjunto de elementos linguísticos contíguos. Já a articulação por coordenação pode ser descrita como aquela em que os elementos linguísticos de mesma natureza são organizados como se constituíssem um só elemento. Nessa relação de contiguidade, observa-se que há um acúmulo de elementos (GUIMARÃES, 2009). A articulação por incidência, por sua vez, acontece entre elementos linguísticos de natureza distinta que se relacionam de modo a formar um novo elemento. Neste caso, não há relação de dependência estabelecida.

Na prática, esses diferentes modos de articulação resultam de operações que envolvem acontecimento, Locutor, enunciado e enunciação, já que

nas articulações de dependência e de coordenação, o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado, na articulação por incidência, o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona sua enunciação com o enunciado (GUIMARÃES, 2009, p. 51).

Definida, portanto, como uma relação de contiguidade que é significada pela enunciação (GUIMARÃES, 2009), a articulação permite observar como o funcionamento dos elementos linguísticos pode afetar e modificar seus próprios sentidos, resignificando-os e redizendo-os no interior de um mesmo enunciado.

Do ponto de vista semântico, é possível dizer que, na articulação, o funcionamento dos elementos linguísticos se configura através de diferentes modos de significação, como, por exemplo, referência, predicação, determinação, pressuposição, argumentação e performatividade.

---

<sup>1</sup> A noção de Locutor é tomada, aqui, conforme os postulados da Semântica do Acontecimento, que o compreende enquanto um falante localizado em um determinado espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2009).

Neste estudo, vamos nos apoiar na teoria semântica para compreender o funcionamento da reescrituração das lendas urbanas, ou seja, como as diferentes versões de uma determinada lenda são reescritas (re-ditas) e ressignificadas à medida que circulam na sociedade, passando de geração em geração. Buscamos compreender, assim, quais são os efeitos de sentido produzidos pela lenda na sociedade.

Assim, avançando em nossa reflexão, fundamentados nos estudos de Pierre Nora (1984), podemos dizer que, funcionando em cada lenda urbana, há sempre uma memória histórica que não se dissocia da memória política e nem da memória ideológica. É preciso pensar nessas lendas urbanas fora de um frasco, pois elas estão inseridas em uma sociedade em que há uma cumplicidade que faz significar nas e pelas lendas urbanas uma rede de sentidos e um movimento entre os sujeitos. Nessa perspectiva, as lendas urbanas podem ser consideradas como representantes da história e da memória de uma comunidade.

As lendas urbanas deixam suas marcas, pois estão carregadas de simbologias, medos, ensinamentos e (muitas vezes) silêncios. A partir disso, podemos pensar, também, nessas lendas como uma forma de controle. Elas são frequentemente reconstruídas e (re)significadas, mas essa releitura e (re)significação das lendas não se dão ao acaso, uma vez que são produzidas de acordo com a necessidade da sociedade e os efeitos de sentidos pretendidos, por exemplo, em função das coerções sociais que estão silenciadas em cada uma dessas narrativas.

Tomando como ponto de partida nossa formação em Letras, provocamos a questão: como a lenda se reconstitui sendo influenciada pela sociedade? Nos dias atuais, há sempre diversos avisos sendo transmitidos para gerar o alerta na população. É a partir disso que a lenda parece ser formulada, passa a circular e, sobretudo, a ser (re)significada e utilizada pelos sujeitos e para os sujeitos sociais, ganhando novos e outros sentidos.

Nessa perspectiva, podemos dizer que as lendas são mais do que meras colagens daquelas histórias decorrentes do passado, sendo reproduzidas da mesma forma. Para isso, utilizam-se do folclore, pois, de acordo com Thompson (1998), as formas de lendas estão estagnadas.

Se pensarmos no conceito de lenda urbana (RENARD, 1998), notamos que elas tomam formas discursivas que se fazem presentes na vida dos sujeitos,

modificando seus discursos e, em muitos casos, suas condutas. As lendas, nessa perspectiva, parecem inserir esses sujeitos no espaço social de convívio, desenvolvendo certa cumplicidade no modo de ser e estar em sociedade.

Isso nos leva a compreender que as lendas se desenvolveram e se tornaram presentes, de forma efetiva, na vida e no imaginário dos sujeitos. Mas isso não se deu ao acaso. Não podemos perder de vista que os estudos sobre a memória indicam que ela reclama sentidos. Desse modo, no contexto das lendas urbanas, esses sentidos se manifestam nas várias formas pelas quais os sujeitos as utilizam para se apropriar de um discurso X (discurso coercitivo, discurso de padronização de formas de conduta social) e colocá-las em circulação.

É a partir daí que diferentes memórias se manifestam e se inscrevem, não só no contexto das lendas, mas na própria sociedade. Não podemos esquecer que as lendas existem porque há uma sociedade que produz sentidos para elas, e esses sentidos são afetados pela história dos sujeitos que constituem essa sociedade e pela ideologia que nela se manifesta.

Estamos nos referindo, aqui, ao que Orlandi (2002) nos ensina, a saber, que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, pois o sentido se materializa na linguagem (através do discurso) e traz consigo história e ideologia. Então, ao analisarmos as lendas urbanas, devemos observar como os sentidos e os sujeitos vão se constituindo mutuamente no processo de produção da linguagem. Nessa perspectiva, a reflexão sobre o papel da memória que vai sendo tecida a partir das lendas urbanas e constituída na sua relação com a sociedade e com a história é fundamental.

Tomando como base o relato de Mariângela Padilha, autora do livro *A lenda do Corpo Seco*, foi possível perceber sentimentos, sobretudo medo e paixão. Observamos também sua relação com a vida em sociedade, pois as lendas não se dão isoladamente: elas necessitam de cumplicidade. Sob esse viés, destacamos o depoimento de Mariângela Padilha, que descreve suas impressões ao entrar em contato com as lendas:

Quando eu escutava uma história dessas eu morria de medo e veio dessa fase meu gosto tanto pelo estilo no mundo literário quanto no cinema. Eu cresci assistindo a saga do Drácula, o que na minha opinião resultou de uma das mais famosas lendas urbanas, a dos vampiros. Porém o medo foi dando espaço para o fascínio e ainda criança eu dizia que um dia seria uma escritora e criaria muitas lendas assim (PADILHA, 2009, p. 12).

As lendas urbanas têm como uma função (re)produzir esse medo. De acordo com Bauman (2008, p. 7), o medo pode estar associado também à escuridão, pois é onde “[...] tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo”, porém o medo não surge só da escuridão ou incerteza, ele tem a capacidade de produzir uma memória em torno de si.

Essa memória é reafirmada e (re)significada em diferentes acontecimentos do nosso cotidiano. Em outras palavras, o efeito de sentido do medo está presente na sociedade como um mecanismo de disciplinarização do sujeito, de normatização e regulação social. Por exemplo, o medo de perder um emprego, de ser reprovado em uma disciplina, etc. nos impõe regras de conduta. O mesmo funcionamento pode ser deslocado para a questão das lendas urbanas.

Tomando como ponto de partida a fala de Mariângela Padilha, compreende-se o funcionamento do medo; afinal, como aponta Bauman (2008, p. 7), “o medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva”, portanto, é um sentimento comum na vida de todos os sujeitos.

De fato, o efeito de sentido do medo é historicamente constitutivo da sociedade. No caso deste estudo, esse efeito aparece, inclusive, no momento em que a depoente se percebe falando sobre a lenda do Corpo Seco. A descrição de sensações corporais, como calafrios, arrepios e outros, é um indício do modo como essa lenda urbana tem forte impacto coercitivo.

Concentrando-nos, ainda, no depoimento de Mariângela Padilha, tomamos conhecimento de seu contato com as lendas e do modo como essa temática se faz presente em sua vida. Ao narrar sua história, ela descreve, detalhadamente, como as lendas urbanas significaram em sua trajetória e, sobretudo, como esse tema tem sido produtivo em sua produção intelectual (PADILHA, 2009).

Conforme destacamos anteriormente, Padilha (2009) é a autora da obra literária intitulada *A lenda do Corpo Seco*. Parecendo estar familiarizada com o tema e com a narrativa, objeto desta pesquisa, ela descreve como fez do medo a sua inspiração. Temos de concordar que isso não é muito comum entre as pessoas, uma vez que, no senso comum, ou as pessoas se preocupam em enfrentar seus medos, ou apenas passam a ignorá-los. Mariângela foi além. Sobre esse assunto, Bauman (2008, p. 7) destaca: “‘Medo’ é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa

*ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além de nosso alcance”.

Quando trabalhamos com as lendas urbanas, devemos pensar também no seu processo de produção de sentido se constituindo através da memória. Destaca-se aqui, sobretudo, da memória coletiva, isto é, aquela vivenciada por um grupo, que compartilha uma identidade coletiva, de lembranças. Desse modo, quando essas lendas urbanas produzem sentidos, elas também funcionam ideologicamente como formas de controle social que têm, no fator “medo”, o mecanismo coercitivo comportamental primeiro.

#### 4. O CORPO SECO E SUA PRODUTIVIDADE NARRATIVA

Nesta parte do texto, nosso objetivo é expor a dinâmica do movimento presente na história e nas lendas urbanas, dinâmica na qual tanto a oralidade quanto a escrita se encontram e se complementam. Nessa relação, percebemos a modernização se fazendo presente. Aliás, é a modernização que estabelece essa troca nas atividades.

De acordo com Moreira (2011), o Corpo Seco é uma lenda do folclore brasileiro, popular no sudeste e sul do Brasil, como também em outras regiões do país. Apesar de ser uma lenda bastante conhecida nessas regiões, ela pode ser encontrada em várias outras versões, de acordo com as peculiaridades de cada região. Num dessas versões, a narrativa conta a história de um rapaz que cometia muitas maldades com sua mãe. Como punição, ele foi amaldiçoado e, depois da sua morte, seu corpo foi rejeitado pela terra e sua alma não foi aceita no céu nem no inferno. Assim, o rapaz ficou a vagar pela região, assombrando a população, uma espécie de morto-vivo, com a pele ressequida sobre os ossos, esquelético, com unhas enormes e cabelos longos.

Outra versão da lenda conta que o Corpo Seco era um filho rebelde, muito cruel com seus familiares e, em uma de suas discussões com sua mãe, acabou montando nela, fazendo dela seu cavalo. Diante disso, a mãe jogou-lhe uma maldição para que seu corpo secasse. O jovem começou a definhando, chegando a ficar tão magro, que causava espanto nas pessoas. Assim surgiu o nome “Corpo Seco”. Depois de sua morte, o filho voltou ao mundo dos vivos em forma de assombração, amedrontando todos que se aproximavam dele.

Há ainda uma versão que descreve o Corpo Seco como um filho abominável, que vivia para atormentar a vida dos seus pais. Ao chegar em casa, certa noite, a sua mãe, que já era idosa, pediu-lhe um copo de água. Enfurecido, o filho gritou com a mãe, desejando-lhe a morte. No canto da sala havia um braseiro, e o filho, ao passar rapidamente sobre o fogo, ateu brasas na própria mãe. Ao passar pela porta, sentiu uma força estranha que o fez diminuir os passos e ouvir sua mãe apregoando-lhe uma maldição para que ele não tivesse mais sossego, nem em vida nem depois da morte, e que a terra o rejeitasse. E assim se deu. Tudo de ruim lhe aconteceu, e o filho acabou se suicidando. O corpo foi enterrado, mas dias depois foi

encontrado sobre a sepultura. Voltaram a enterrá-lo, no entanto o cadáver ressurgiu sobre a terra, e dizem que, desde então, o Corpo Seco vive a amedrontar a população do lugar.

Entre tantas outras versões, temos ainda uma que relata a história de um fazendeiro bem-sucedido que era muito ruim como ser humano e que, ao morrer, foi rejeitado pela terra e cuja alma também não foi aceita no céu nem no inferno. O corpo do fazendeiro tornou-se, assim, um espírito mal, que se apropriava de pessoas para cometer crimes contra aqueles que se aproximavam de suas terras.

Em uma versão mais recente, a lenda em questão compõe a narrativa da série televisiva *Cidade Invisível* (2019), criada por Carlos Saldanha e dirigida por Júlia Pacheco Jordão e Luis Carone. Na série televisiva, que mistura folclore e suspense, há um interessante debate entre as mudanças advindas de um dito progresso e a preservação do que é ancestral. Várias lendas do folclore brasileiro estão ali representadas, sendo a lenda do Corpo Seco o nó central de toda a narrativa seriada.

Como podemos perceber, a narrativa do Corpo Seco tem uma relação com a lenda do bradador, uma vez que relata fatos semelhantes aos desta, com um jovem rebelde e cruel que é amaldiçoado e que, depois da morte, passa a viver entre os vivos, com aparência assustadora, vagando pelo mundo.

Ao trazer as versões sobre a lenda do Corpo Seco, tanto literárias quanto on-line, mostramos, neste estudo, a produtividade significativa sobre a lenda do Corpo Seco. Conforme temos demonstrado ao longo deste estudo, o Corpo Seco é uma narrativa que faz parte do imaginário de diferentes regiões geográficas do Brasil. Observamos que é possível identificar versões distintas para a mesma lenda.

No entanto, alguns pesquisadores consideram que essa narrativa tem sido pouco lembrada pelas gerações que nasceram no final do século XX. Em 1973, Alceu Maynard Araújo já anunciava que “[...] o antigo mito do corpo-seco está desaparecendo, pouca gente o conhece. É provável que a geração infantil atual o desconheça” (ARAÚJO, 1973, p. 183). De fato, como observamos no decorrer deste estudo, essa tradição não desaparece, apenas passa por um momento de transição, ou seja, o momento em que a oralidade se reproduz através da escrita. Esse processo de transição, de transmutação que faz migrar da oralidade para a escrita, é fundamental, pois faz com que a narrativa seja ressignificada em função das condições de produção em que é reproduzida.

Considerando que a escrita tem suma importância na reprodução dessas lendas urbanas, este capítulo surge como uma possibilidade de dar visibilidade às diversas produções em torno da lenda do Corpo Seco que circulam em ambiente digital. Aqui, pudemos identificar como consequência da internet a comunhão e partilha de informações: no nosso caso específico, trata-se do amplo alcance na reprodução e circulação de lendas, não só a lenda do corpo seco, mas também de diversas lendas urbanas (e versões) existentes.

Considerando o exposto, neste momento de nosso estudo, como destacado anteriormente, debruçamo-nos a sobre as diferentes versões da lenda do Corpo Seco a fim de explorar as versões e representações desse fato e o modo como a lenda é significada para determinada região, ou seja, a apropriação e força coercitiva produzida através da lenda.

Cada versão da lenda do Corpo Seco pode ser compreendida como um processo enunciativo de reescrituração (GUIMARÃES, 2002) que, sustentado na oralidade, faz circular modos de ser e de estar no mundo. No caso do Corpo Seco, observamos que a lenda funciona como um instrumento coercitivo no que se refere ao respeito constitutivo das relações familiares.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, dedicamo-nos a pensar o funcionamento das lendas e em suas versões e isso nos levou a compreender que, no processo de produção da linguagem, a historicidade põe em funcionamento a memória. Orlandi (2016), no artigo intitulado “Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória”, traz uma importante análise sobre as narrativas (lendas) que circulam na região sul de Minas Gerais. A autora destaca as relações de significação, identidade, individuação e memória.

A partir da leitura do referido texto e o estudo desenvolvido neste trabalho de conclusão de curso, compreendemos que é pela memória, tomada em uma perspectiva discursiva, que podemos entender os processos identitários. Isso nos conduziu a analisar as lendas, os relatos e as narrativas (objeto de análise) sem excluir de sua essência, que é, conforme Orlandi (2016), o espaço e o acontecimento (espaço = lugar; acontecimento = lenda). Parte-se assim, segundo a autora, em busca da marca do sujeito nesse espaço.

O estudo da lenda do Corpo Seco apontou para o fato de que as lendas e suas versões sempre trazem um fundo de verdade, apresentando-se como estórias fantásticas que se sustentam em personagens sobrenaturais, tais como aqueles dos mitos, os deuses, e, no caso das lendas, os homens.

Partindo dessa reflexão, podemos retomar a questão de verdade perceptível e recorrente em todas as lendas. Isso permite compreender, agora, que o efeito de verdade remete-nos ao efeito de persuasão. Em outras palavras, à medida que se criam elementos de identificação, os ditos efeitos de verdade, a lenda torna-se argumentativamente mais produtiva no que concerne ao mecanismo coercitivo que, como já destacamos, parece ser seu objetivo, seu fim.

E por que o efeito de verdade se sustenta nas diferentes versões de uma mesma lenda? Ele funciona porque os sujeitos narram as lendas (e versões) sempre como um elemento recorrente e familiar: o fato de ter acontecido (ter sido vivenciado, experienciado) com um conhecido muito próximo. Essa aparente familiaridade funciona, nessa perspectiva, como um argumento de autoridade que se sustenta na memória de um grupo de sujeitos, de uma comunidade, de uma sociedade.

Nessa mesma direção de análise, amparados em Orlandi (2016), temos de concordar com a autora quando ela destaca que, nos depoimentos cujo escopo são as lendas, sobretudo a do Corpo Seco, percebemos que é difícil uma pessoa contá-la e se colocar na história. Para burlar essa presença, o depoente insere, na maioria dos relatos, a presença de um terceiro sujeito (um amigo ou parente).

Notamos, assim, a vontade do narrador em transmitir essa lenda como história verdadeira pertencente ao imaginário social da comunidade, uma vez que aconteceu com alguém que pertence ao seu círculo de relações (argumento de autoridade). Conforme os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, o imaginário social solicita objetividade, mas, no caso das lendas urbanas, nem sempre é isso que acontece: o sujeito poderá aumentar o conto e ter, assim, possibilidades/variações/versões que sempre são interpeladas pela memória.

Para Le Goff (1990, p. 33):

Se a imparcialidade só exige do historiador honestidade, a objetividade supõe mais. Se a memória faz parte do jogo de poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade.

Observamos, assim, que a memória é poder. Quando se trata de lendas urbanas (e suas versões), memória e imaginário social são postos em funcionamento no e pelo o discurso que, pela historicidade, deslizamento de sentidos, produz a deriva de várias versões de uma mesma história/narrativa. É a partir dessa rede de significação, jogo discursivo produzido por sujeitos de linguagem, que as lendas adquirem sentidos, pois são interpeladas pela memória e pela ideologia, circulam em diferentes formulações.

Pensar as lendas como espaços de memória e de individuação significa considerar que o sujeito, ao narrar, dá indícios que o individualizam e o identificam (no espaço). Esses indícios são perceptíveis em seus gestos no momento da interpretação, que será de fácil entendimento se conhecermos a rede de memória em que o sujeito está inserido no momento em que transmite a narrativa.

Neste momento, sabemos que é a rede de memória que liga esses sujeitos, individualizando-os e identificando-os como membros de uma determinada comunidade. Assim, a linguagem ganha vida e se atualiza a partir da memória, os sentidos se definem e é o lugar onde o sujeito pode se mostrar ou esconder (esquecimento/distanciamento) (ORLANDI, 2016). Não podemos esquecer que, para

Orlandi (2016), sentido e sujeito se constituem ao mesmo tempo no processo discursivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. **A inteligência do folclore**. 2. ed. Brasília: INL, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 7-37.

CAMPION-VINCENT, V. **La légende des vols d'organes**. Paris: Société d'édition Les BellesLettres, 1997.

CAMPION-VINCENT, V.; RENARD, J.-B. Rumeurs et légendes contemporaines. In: **Communications**, 52, Paris: Seuil, 1990.

CAMPION-VINCENT, V.; RENARD, J.-B. **De source sûre, nouvelles rumeurs d'aujourd'hui**. Paris: Payot, 2002.

CAMPION-VINCENT, V.; RENARD, J.-B. **Légendes urbaines, rumeurs d'aujourd'hui**. Paris: Payot, 1992.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**, n. 16, 1995. p. 179-192.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do folclore brasileiro**. Salvador: CNF, 1995. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DION, S. O fait divers como gênero narrativo. In: **Revista Letras**, n. 34. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

\_\_\_\_\_. Boitatá. In: **Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Londrina: GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, n. 6, ago./dez. 2008.

DOMINGUES, A. S. **A arte de falar: redescobrimdo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS**. Jundiáí: Paco, 2011.

FRADE, C. **Folclore**. 2. ed. São Paulo: Global, 1997.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVI, G. "Sobre a micro-história" In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Les Technologies de l'Intelligence: l'avenir de la pensée à l'ère informatique**. Paris: La Découverte, 1992.

MOREIRA, A. **Medo? Eu, Hem?** São Paulo: Duna Dueto, 2011.

ORLANDI, E. P. Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Instituições, relatos e lendas: narratividade e individualização dos sujeitos**. Campinas: RG, 2016.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, C. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. v. 2, 2013. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em: 12 maio 2021.

PADILHA, M. **A lenda do Corpo Seco**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2009

RAYNOR, H. **História Social da Música: da Idade Média a Beethoven**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

RENARD, J.-B. **Rumeurs et legendes urbaines**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

\_\_\_\_\_. **Rumeurs et légendes urbaines**. Paris: PUF, 2002.

ROCHA, E. **O que é Mito**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.